

Narrativas míticas do povo iorubá: a tradição dos Itan-Ifá na África e no Brasil.

Gustavo Henrique Lopes Batista¹ (IC), Marcelo Rodrigues dos Reis (PQ), Marcelo G. C. Brito (PQ)

Universidade Estadual de Goiás – UEG.

Resumo

O presente estudo aborda essencialmente a importância da oralidade na cultura iorubá, assumindo como objeto de análise os Itan-Ifá, isto é, as diversas narrativas de caráter mítico que circulam em meio a esses povos e entre aqueles que deles sofreram influência. Parte-se do princípio de que os iorubás, ao reconhecer e prestigiar a autoridade dos mais velhos, absorvem deles, pela via da oralidade, princípios, valores e saberes que organizam e explicam os papéis e a importância do homem e da sociedade, assim como do respeito que se deve dedicar ao outro, aos animais e à natureza. Portanto, não é exagero afirmar que a cultura iorubá faz uso da oralidade como importante difusora de suas tradições, valores e conhecimentos. Na sociedade iorubá "tradicional", que Reginaldo Prandi qualifica como "não histórica", o mito corresponde à chave para "alcançar" não apenas o passado, mas também o presente e o futuro. No caso dos lugares de culto afro-brasileiros em que a cultura iorubá se faz presente, vê-se esse mesmo privilegiamento da transmissão oral de saberes, a partir da qual histórias são elaboradas, eleitas, lembradas e rememoradas especialmente pelos anciãos e por adivinhos (babalaôs), que, legitimados por suas posições institucionais, encarregam-se de responder pela própria história de suas comunidades. Aqui o mito não representa apenas uma forma literária arcaica, que fala de um imaginário localizado num passado remoto, mas, sim, da própria estruturação de aspectos importantes dessa cultura.

¹ gustavocreas@gmail.com

Palavras-chave: Oralidade. Cultura Iorubá. Mitos.

Introdução

O presente trabalho teve como objetivo dimensionar a importância da oralidade e o valor das narrativas míticas, denominadas Itan-Ifá, no âmbito dos lugares de culto de matriz iorubá. Parte-se do princípio de que os iorubás, ao reconhecer e prestigiar a autoridade dos mais velhos, absorvem deles, pela via da oralidade, princípios, valores e saberes que organizam e explicam os papéis e a importância do homem e da sociedade, assim como do respeito que se deve dedicar ao outro, aos animais e à natureza. Dessa forma, foi possível identificar o uso da oralidade na cultura iorubá como importante difusora de suas tradições, fundamentos e conhecimentos.

É preciso destacar também o fato de que o fenômeno religioso continua ocupando espaço considerável no conjunto das sociedades. Na atualidade, há um bom número de estudiosos que sustentam o argumento de que vivemos um “reencantamento do mundo”. Desse modo, narrativas de caráter sagrado circulam não apenas no campo religioso, mas também na mídia, nas expressões artísticas e nos meios eletrônicos.

O sagrado, portanto, como manifestação simbólica e discursiva de comunidades, mantém-se como tema de interesse das ciências humanas e sociais. Nesse sentido, o acesso às narrativas míticas características de grupos religiosos nos leva a conhecer de modo mais efetivo os significados a partir dos quais eles

interagem com o mundo. Sabe-se que os atores presentes nos mitos servem àqueles que neles creem como modelos exemplares. São autênticos guias de como os indivíduos devem se comportar. Veja-se como Mircea Eliade, historiador romeno das Religiões, manifestou-se sobre isso:

O mito garante ao homem que aquilo que ele se prepara para fazer já foi feito, ajuda-o a dissipar as dúvidas que poderia ter quanto ao resultado do seu cometimento. Por que hesitar perante uma expedição marítima, uma vez que o Herói mítico já a efetuou num Tempo lendário? Basta seguir seu exemplo. Do mesmo modo, porque temer instalar-se num território selvagem e desconhecido, se se sabe o que é necessário fazer? (...) O modelo mítico é susceptível de aplicações ilimitadas².

Sendo assim, minha pesquisa tem investigado como os *itan-ifá*, enquanto narrativas míticas, são preservados nas comunidades que cultuam o Candomblé no Brasil. José Beniste, historiador e pesquisador destacado dos cultos afro-brasileiros, iniciado no Candomblé da nação Ketu, discorre sobre a caracterização dos *itan* como narrativas de caráter mítico. Para Beniste², é a partir do recurso aos “Itan” que se tem acesso ao “outro lado do conhecimento” e, por meio deles, passa a ser possível equacionar questões para as quais as ciências humanas não apresentam respostas.

Material e Métodos

Minha proposta de pesquisa se ocupou inicialmente de examinar o conjunto de mitos que se tornaram tradicionais entre os povos de origem iorubá. Para tanto,

². *Mitos yorubás: o outro lado do conhecimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

as publicações do sociólogo Reginaldo Prandi³ e de José Beniste⁴, intitulados, respectivamente, “Mitologia dos orixás” e “Mitos yorubás: o outro lado do conhecimento”, serviram como leitura de acesso a esses fundamentos míticos.

Conceitos como mito, sagrado, imaginário, memória e identidade, numa perspectiva de análise que, adianto, acha-se também apoiada na História Cultural, foram úteis ao desenvolvimento deste trabalho. Nessa direção, estudiosos como Mircea Eliade, Angelo Brelich⁵, Joseph Campbell⁶, Bronislaw Baczko⁷ foram admitidos como balizas de minhas buscas teórico-metodológicas.

Com relação às fontes documentais, o historiador Marcelo Reis, em projeto de pesquisa que realizou recentemente, reuniu um bom número delas. Algumas, inclusive, pouco ou não exploradas – no todo ou em parte – por pesquisas acadêmicas. Essas ocuparam uma parte importante dos objetos de meu interesse.

Resultados e Discussão

Antes de tudo, convém esclarecer o que se pode entender por *itan* e *lfá*. O primeiro é um termo originário da língua iorubá e se refere aos contos, lendas e histórias diversas, de caráter extraordinário e sagrado, normalmente associadas ao tempo das origens, que, uma vez transmitidas nas comunidades de matriz iorubá, ocupam-se da tarefa de disseminar conhecimentos, valores e princípios éticos às gerações. *lfá*, por sua vez, é um dos títulos atribuídos a Orunmilá, divindade iorubá de elevada sabedoria responsável pela criação do sistema oracular (divinatório) de

³ Reginaldo Prandi. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

⁴ José Beniste. *Mitos yorubás: o outro lado do conhecimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

⁵ Angelo Brelich. *Historia de las religiones*. Tomo I. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 2007.

⁶ Joseph Campbell. *O poder do mito*. Entrevista a Bill Moyers concedida por Joseph Campbell. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

⁷ Bronislaw Baczko. “Imaginação Social”. In: *Enciclopédia Einaudi* (Anthropos-Homem). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

mesmo nome, o Ifá. Em síntese, os Itan-Ifá são as histórias de Ifá. Narrativas de caráter mítico integradas à cultura dessas mesmas comunidades. Por meio de Ifá, os iorubanos contam a história do mundo intemporalmente.

Os poemas de Ifá são transmitidos pelos babalawos (sacerdotes), por meio da oralidade, ou seja, pela fala, e, mais do que isso, por meio da experiência. Esses poemas se referem ao contexto social dos iorubás. Eles apontam para a importância da agricultura e da criação de animais, como forma de subsistência, dentro de uma estrutura familiar e social.

Reginaldo Prandi, em seu “Mitologia dos orixás”, reuniu vários mitos que nos mostram como se dá a relação das divindades com os iorubanos, o que fazem, o que querem e, nesse caso, como ensinaram os homens a sobreviver durante os séculos. Como exemplo dessa relação, vejamos como Ogum, divindade bastante conhecida e cultuada também no Brasil, ensina os homens as artes da agricultura:

Ogum andava aborrecido no Orum [território dos deuses], queria voltar ao Aiê [onde vivem os filhos dos deuses] e ensinar aos homens tudo aquilo que aprendera. Mas ele desejava ainda ser mais forte e poderoso, para ser por todos admirado por sua autoridade. Foi consultar Ifá, que lhe recomendou um ebó para abrir os caminhos. Ogum providenciou tudo antes de descer a terra. Veio ao Aiê e aqui fez o pretendido. Em pouco tempo foi reconhecido por seus feitos. Cultivou a terra e plantou, fazendo com que dela o milho e o inhame brotassem em abundância. Ogum ensinou aos homens a produção do alimento, dando-lhes o segredo da colheita, tornando-se assim o patrono da agricultura. Ensinou a caçar e a forjar o ferro. Por tudo isso foi aclamado o rei do Irê [a cidade de Ogum], o Onirê [soberano de Irê]. Ogum é aquele a quem pertence tudo de criativo no mundo, aquele que tem uma casa onde todos podem entrar. (PRANDI, 2001 p.98)

Em outro trecho, Prandi relata o momento da criação dos homens e como Orunmilá-Ifá ganhou o título de “pai do segredo” e passou, assim, a ser um dos orixás mais relevantes no panteão iorubano.

Obatalá reuniu as matérias necessárias à criação do homem; E mandou convocar os seus irmãos orixás. Apenas Orunmilá compareceu. Por isso Obatalá o recompensou. Permitiu que apenas ele conhecesse os segredos da construção do homem. Revelou a Orunmilá todos os mistérios e os materiais usados na sua confecção. Orunmilá tornou-se assim o pai do segredo, da magia e do conhecimento do futuro. Ele conhece as vontades de Obatalá e de todos os orixás envolvidos na vida dos humanos. Somente Orunmilá sabe de que modo foi feito cada homem, que venturas e que infortúnios foram usados na construção de seu destino. (PRANDI, 2001 p.447)

Independentemente dos juízos de valor que se atribuam à veracidade ou falsidade da mitologia africana (PRANDI, 2005), precisamos entender que os iorubás possuem uma habilidade inigualável quando se trata de estabelecer os princípios vitais de convivência moral, que são baseados em uma ciência intuitiva a partir de narrativas estilizadas.

Transmitidos através dos anciãos, os mitos obedecem uma cronologia, um ritmo sutil e eloquente, e seguem uma “linha filosófica” que se nutre unicamente de explicações racionalizadas. Isso justifica o uso desse artifício pelas comunidades africanas na hora de repassarem seus mitos de geração em geração.

Mas, antes de tudo, devemos observar que a relação aqui estabelecida é de troca, pois, mesmo os orixás sendo divindades, eles necessitam dos homens para manifestar seu poder; afinal, só lhes é possível “descer à terra” tendo os homens como receptáculos de sua graça. Assim, tudo o que entendemos sobre essa cultura se torna ainda mais belo com essa transfiguração entre o sagrado e o mundano.

O mito, sobretudo, tem a capacidade de unir varias partes de um complexo sistema de crenças, sem fracionar o homem do resto do cosmo. Com isso, cabe ao homem entender as relações que ligam o divino com a terra que os acolhe. Mesmo sabendo que nada nem ninguém pode explicar a fé.

Considerações Finais

O presente trabalho, portanto, dimensionou o valor das narrativas míticas, denominadas Itan-Ilá, no âmbito dos lugares de culto de matriz iorubá. Bem como identificou algumas das estratégias que os grupos religiosos em questão adotam no mundo atual para preservar os fundamentos de suas tradições, particularmente seu repertório de mitos. Após esses estudos, compreendo de modo mais efetivo as conexões existentes entre as narrativas míticas e o comportamento dos indivíduos. Além de me amadurecer para a pesquisa científica, o que, de certo, fortalecerá minha formação acadêmica.

Avancei no conhecimento de aspectos da cultura religiosa afro-brasileira tendo como suporte as histórias de Ilá (*itan-ifá*), distinguindo os mitos de criação do mundo concordantes com a cosmovisão iorubá e o papel desempenhado pelos orixás nessa tarefa. Isso posto, preocupei-me em mapear a hierarquia e a função dos deuses conforme a visão de mundo iorubá.

Conforme sinalizei, a oralidade assume papel decisivo para essas sociedades. Tal constatação me possibilitou ainda relacionar a importância da memória e da tradição oral na transmissão de saberes na cultura iorubá, assim como reconhecer os *Itan* como expressão cultural das comunidades brasileiras associadas aos cultos de origem iorubá.

Ao término dessa breve reflexão, reafirmamos que se trata de uma pesquisa que possibilita novos olhares. Em nossos próximos passos, perseguiremos com maior ênfase as trajetórias dos Itan-Ilá até os dias de hoje, pois a oralidade ainda é a principal via para a difusão de ensinamentos dos iorubanos. Sem dúvida, a cada “pista” encontrada e a cada leitura realizada nos certificamos da necessidade da

historiografia enfrentar esse tema e, inclusive, reconhecer que tais cultos ainda sofrem discriminação. Por fim, devemos acrescentar que almejamos nosso estudo sobre essa cultura contribuir para a percepção das celebrações afro-brasileiras como parte integrante de nosso patrimônio cultural, para a valorização das tradições populares e para o respeito à diversidade, o que nem sempre acontece em nossa sociedade.

Agradecimentos

Agradeço a todos que contribuíram de maneira direta ou indireta para o desenvolvimento dessa pesquisa, em especial meu orientador, professor Marcelo Reis.

Referências

BACZKO, Bronislaw. "Imaginação Social". In: *Enciclopédia Einaudi* (Anthropos-Homem). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

BENISTE, José. *Mitos yorubás*: o outro lado do conhecimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BRELICH, Angelo. *Historia de las religiones*. Tomo I. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 2007.

CACCIATORE, Olga Gudolle. *Dicionário de cultos afro-brasileiros*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. Entrevista a Bill Moyers concedida por Joseph Campbell. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

_____. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 2007.

CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHEVALIER Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1989.

ELIADE, Mircea. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Imagens e Símbolos*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *Aspectos do mito*. Lisboa: Edições 70, 1989.

LOPES, Nei. *Dicionário Escolar Afro-Brasileiro*. São Paulo: Selo Negro, 2006.

PÓVOAS, Ruy C. *Itan dos mais velhos*. 2ª ed. Ilhéus: Editus, 2004.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Contos e lendas afro-brasileiros: a criação do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

REIS, Marcelo. “África e Brasil: aspectos históricos e culturais da religiosidade afrodescendente no Planalto Central”. In: Marcelo Reis; George Bessoni; Rodrigo Ramassote (orgs.). *Terreiros do Distrito Federal e Entorno: Inventário Nacional de Referências Culturais*. Brasília, DF: Iphan-DF, 2012.

_____. *Sobrevivências do Tempo Mítico no Imaginário Religioso Contemporâneo*. In: II Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística, 2015, Formosa, p. 96-108.